

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT14.005

ANSIEDADE CLIMÁTICA EM ESTUDANTES: UM PROBLEMA DE TODOS NÓS

Anne Emanuelle Cipriano da Silva¹

Ana Cristina Correa Ouro²

Helena Cândida dos Santos Neta³

Ana Caroline Correia de Araújo⁴

RESUMO

A ansiedade climática, sofrimento emocional diante das mudanças climáticas, tem crescente impacto na saúde mental da população jovem. Este estudo objetivou mapear as manifestações de ansiedade climática no público estudantil por meio de uma revisão integrativa da literatura. A pesquisa foi conduzida segundo as diretrizes PRISMA, com buscas nas bases de dados Periódicos CAPES e Education Resources Information Center (ERIC), e seu protocolo foi registrado na plataforma Open Science Framework (OSF) sob DOI <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/HX3RQ> e utilizou a estratégia PICO. Foram identificados 113 artigos e destes 05 foram incluídos na análise final. No geral, os estudos revisados indicam que a ansiedade climática afeta escolares, e se manifesta por meio de sentimentos desagradáveis como preocupação, tristeza, pessimismo e dúvidas sobre o futuro devido às mudanças ambien-

1 Doutoranda do Curso de Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, da Universidade Federal de Brasília - UnB, annepsi13@gmail.com;

2 Mestra pelo Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB;

3 Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental - FAFIRE, helenasantos246301@gmail.com;

4 Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental - FAFIRE, psianacarolinecorreia@gmail.com;

tais, mas também esperança e motivação. Pesquisas recentes sugerem que a ansiedade climática também pode impulsionar ações pró-ambientais e a educação ambiental pode ser uma ponte para isso. Conclui-se que a ansiedade climática em estudantes é uma experiência dual que envolve tanto sofrimento emocional quanto o potencial de despertar ações, e os resultados aqui discutidos podem provocar a discussão sobre o tema e subsidiar intervenções pedagógicas no ambiente escolar voltadas ao bem-estar dos estudantes.

Palavras-chave: Ansiedade Climática, Mudanças Clímáticas, Escolares, Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas podem ser compreendidas como um conjunto de situações que promovem alterações no planeta, causando consequências em seu estado natural, como fortes ondas de calor, secas significativas, poluição, aumento do nível do mar, derretimento das calotas polares entre outras. Esses fenômenos, cada vez mais frequentes e intensos, não afetam apenas o meio ambiente, mas também a saúde mental dos seres humanos (Valadão; Guanãbens, 2025).

A ansiedade climática (AC) é compreendida como um constructo multifacetado que engloba sentimentos de apreensão, preocupação e angústia com as mudanças climáticas e suas consequências, com potencial para impactar o bem-estar e saúde mental dos indivíduos (Coffey et al., 2021; Clayton; Karazsia, 2020). Como um tema de investigação emergente, esse fenômeno tem sido cada vez mais explorado nos últimos anos em diversos públicos, faixas etárias e contextos socioculturais diferentes (Valadão; Guanãbens, 2025). É crucial distinguir a Ansiedade Climática da Ecoansiedade, pois embora muitos autores utilizem o termo como sinônimo, de acordo com Clayton e Karazsia (2020), a ansiedade climática é uma vertente específica da ecoansiedade, sendo esta última uma forma mais ampla de sofrimento psíquico ante qualquer tipo de degradação ambiental. A Ansiedade Climática, em contrapartida, refere-se mais estritamente ao medo e à inquietação decorrentes de ameaças associadas às alterações mais específicas dentro do escopo das mudanças climáticas (Taylor, 2020).

Pesquisas com jovens indicam respostas emocionais negativas, como medo, tristeza, raiva e sensação de desesperança em relação ao futuro (Hickman et al., 2021). De acordo com a literatura, a ansiedade climática se manifesta por meio de emoções e sentimentos desagradáveis e sintomas associados a estados emocionais ansiogênicos, que podem gerar desconforto físico e emocional ao indivíduo, afetando a qualidade de vida dessas pessoas e favorecem o desenvolvimento de possíveis

comorbidades como depressão e síndrome do pânico (Clayton; Karazsia, 2020; Sarrasin *et al.*, 2020; Silva, 2024). De maneira geral, os estudos apontam que grupos como jovens, incluindo crianças e adolescentes, pesquisadores do tema e ativistas ambientais são os mais afetados por esse fenômeno (Hickman *et al.*, 2021; Grandisoli *et al.*, 2021; Whitmarsh *et al.*, 2022).

Um importante levantamento realizado pelo Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI/PUC-Rio) entrevistou 200 crianças e adolescentes, com idades entre 12 e 18 anos, da área urbana, de diferentes segmentos econômicos, das cinco regiões do Brasil. Os resultados revelaram que 95% dos participantes já haviam ouvido falar sobre mudanças climáticas, sendo a escola a fonte de informações para 44 deles. Além disso, 90% relataram preocupação com o tema e 68,5% afirmaram sentir ansiedade a esse respeito. Um ponto de destaque do relatório são as respostas dos jovens sobre ações necessárias para mitigar os impactos dessas mudanças, as quais abrangem as esferas individual, comunitário e governamental (Couto; Neumann, 2025). A pesquisa citada acima indica que as crianças e jovens brasileiros estão atentos às mudanças climáticas e todas as implicações decorrentes deste acontecimento em curso.

Outra importante produção nacional é o livro *Novos Temas em Emergência Climática para os Ensinos Fundamental e Médio* que discute importantes temas como justiça ambiental, migração ambiental, a sociedade de consumo, o risco de algumas habitações, o papel das mulheres e principalmente o protagonismo da juventude como sendo uma alternativa para lidar com a emergência climática, visto que os autores consideram que tal protagonismo pode contribuir e influenciar na busca de soluções para o tema por considerar que este grupo pode fazer a diferença e possuem a capacidade para mobilização se forem apoiados nesse sentido e ressaltam ainda três “Cs” necessários para a execução de projetos voltados às emergências climáticas: “Criatividade, Comunidade e Conectividade” (Grandisoli *et al.*, 2021, p. 36).

Segundo a pesquisa realizada por Silva (2024), com 150 crianças de 6 a 12 anos, que vivenciaram algum evento climático extremo (seca, inundação, onda de calor) ou residiam em ambiente poluído 68% apresentaram sintomas de moderado a grave de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), mudanças comportamentais e emocionais (Exemplo: Medo de chuva). E crianças que habitavam áreas demasiadamente poluídas apresentaram altos escores de ansiedade infantil (com média de 34,6). De acordo com o autor, crianças apresentam mais chances, que a população geral, de vivenciarem algum transtorno psíquico decorrente das mudanças climáticas e as crianças que possuem condições pré-existentes como transtorno do espectro autista (TEA) e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), são ainda mais vulneráveis e experimentam impactos mais severos entre a população pediátrica. Mas, a pesquisa também aponta capacidade de resiliência entre as crianças e suas famílias (Silva, 2022).

De acordo com Whitmarsh *et al.* (2022), em estudo realizado com pessoas de diferentes faixas etárias no Reino Unido, a Ansiedade Climática foi maior em pessoas jovens e preocupadas com o meio-ambiente. O levantamento aponta também que, de modo geral a AC pode ser motivadora de algumas ações pró-ambientais como economizar energia e reutilizar materiais e comprar produtos de segunda mão.

Nesse sentido, a compreensão de como esse fenômeno se manifesta entre estudantes pode instrumentalizar pais, professores, gestores e outros atores da comunidade escolar para o manejo direcionado às crianças e adolescentes, favorecendo a validação dos sentimentos dos alunos e o desenvolvimento de intervenções ou programas subsidiados por conhecimentos da psicologia ambiental, da educação ambiental, da educação climática e de outras áreas do saber (Valadão; Guanãbens, 2025).

Deste modo, a presente revisão integrativa objetivou realizar um levantamento da literatura sobre ansiedade climática no público estudantil (crianças e adolescentes), a fim de mapear e compreender as manifestações relacionadas a esse fenômeno.

MÉTODO

A pesquisa em tela trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Esta revisão foi registrada a priori no *The Open Science Framework* (OSF) sob DOI (*Digital Object Identifier*) <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/HX3RQ>. Utilizou a estratégia PICO, para a formulação da pergunta de pesquisa, e o estudo foi conduzido com base nas diretrizes no modelo PRISMA (Page et al., 2020), que estabelece um conjunto de itens essenciais para o relato de revisões da literatura. A pergunta de pesquisa, estruturada com base na estratégia PICO: População (escolares do ensino fundamental e médio); Intervenção/Exposição (ansiedade climática); Comparação (não aplica); e Desfecho (manifestações da ansiedade climática, como sintomas emocionais, cognitivos e comportamentais) foi a seguinte: “Como a ansiedade climática se manifesta em escolares?”.

Tab. 1: Estratégia PICO para formulação da pergunta de pesquisa.

ESTRATÉGIA PICO	
P- População	escolares do ensino fundamental e médio
I-Intervenção/ Exposição	ansiedade climática
C- Comparação	não aplica
D- Desfecho	manifestações da ansiedade climática, como sintomas emocionais, cognitivos e comportamentais

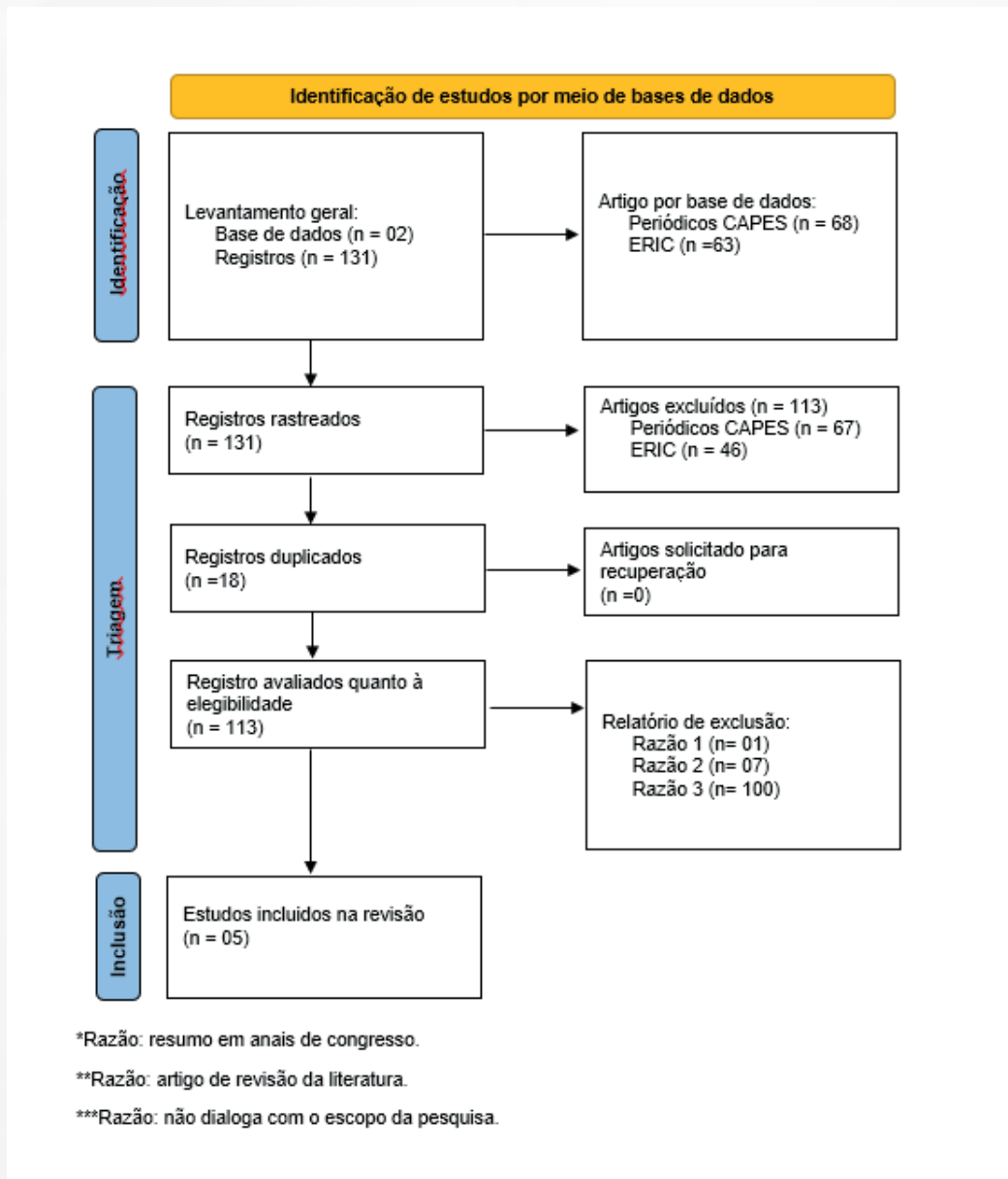
Fonte: produzido pelas autoras

Os critérios de inclusão adotados, foram: artigos disponíveis na íntegra com estudos primários (quantitativos, qualitativos ou de métodos mistos); artigos publicados entre 2024 e 2025; nos idiomas português ou inglês, que apresentem no título ou resumo um dos descritores “ansiedade climática” OR “climate anxiety” OR ecoansiedade AND estudantes OR students. Como critérios de exclusão, estabeleceram-se: artigos com acesso restrito; teses, dissertações, trabalhos publicados em eventos; revisão da literatura; publicações em idiomas diferentes de português ou inglês.

A busca foi realizada no primeiro semestre do ano de 2025 nas bases de dados Portal Periódicos CAPES e Education Resources Information

Center (ERIC). Neste estudo, optou-se por um recorte temporal recente e estratégico para mapear as abordagens mais atuais sobre o tema e identificar tendências emergentes na literatura. O fluxograma detalhado do processo de busca e seleção dos artigos é apresentado na figura 1.

Fig. 1: Fluxograma PRISMA



Fonte: produzido e adaptado pelas autoras.

Para otimizar o processo, a seleção dos estudos foi gerenciada com ferramentas digitais. Os artigos identificados foram exportados para a plataforma Rayyan que auxiliou na remoção de duplicatas e na triagem inicial. Posteriormente, os artigos elegíveis foram importados para o software de gerenciamento de referências Zotero, onde se realizou a extração e a exploração do dados. Finalmente, os dados extraídos foram sintetizados em uma tabela excel, organizada segundo para facilitar a análise comparativa. Esse processo de extração e síntese visou garantir a qualidade e o rigor dos resultados apresentados a seguir.

RESULTADOS

A presente seção tem como objetivo descrever, de maneira detalhada os resultados obtidos no processo de seleção dos artigos, as características gerais dos estudos incluídos, os principais achados relacionados às manifestações de ansiedade climática, encontrados além disso, uma análise da qualidade metodológica das publicações.

SELEÇÃO DOS ESTUDOS:

A busca inicial nas bases de dados retornou 131 publicações. Após a remoção de 18 duplicidades, 113 artigos foram submetidos à triagem por título e resumo, processo que resultou na exclusão de 108 trabalhos. Ao final, apenas 05 artigos foram considerados elegíveis e compuseram a amostra para a análise narrativa, conforme detalhado no fluxograma PRISMA (Figura 1) e na Tabela 2. Acrescentamos que não houve busca adicional na literatura cinzenta.

CARACTERIZAÇÃO DOS ARTIGOS INCLUÍDOS:

Os cinco estudos selecionados são de natureza primária, sendo três quantitativos e dois qualitativos. As pesquisas foram conduzidas em

diversas regiões geográficas: Turquia (2), China (1), Austrália (1), Coréia e Indonésia (1). O tamanho das amostras variou consideravelmente. Dois estudos (Kennedy *et al.*, 2024; Sahin; Kocak, 2024) contaram com menos de 50 participantes, enquanto os outros três (Bulut, 2024; Kim *et al.*, 2024; Qin *et al.*, 2024) investigaram amostras superiores a 1.500 participantes.

Tab. 2: Descrição dos artigos selecionados

Nº	BASE	TÍTULO DO ARTIGO/PAÍS/TIPO DE PESQUISA/ AMOSTRA	AUTORES
1	ERIC	Climate Change Awareness Differences among Primary School Students in Korea and Indonesia. (Coréia e Indonésia/Pesquisa Quantitativa/ Ensino Fundamental)	Kim <i>et al.</i> , 2024.
2	CAPEs	“The Earth Is Dying, Bro”: Examining the Local Effect of Climate Change on Australian Children. (Austrália/ Pesquisa Qualitativa/Ensino Fundamental e Médio)	Kennedy <i>et al.</i> , 2004.
3	CAPEs	Evaluating High School Students’ Perspectives on Climate Change Based on Their Field Preferences. (Turquia/ Pesquisa Quantitativa/Ensino Médio)	Bulut, 2024.
4	ERIC	The Reflections of the ‘Stop Climate Change Digital Game’ on Primary School Students’ Learning about Climate Change. (Turquia/Pesquisa Qualitativa/ Ensino Fundamental)	Sahin; Kocak, 2024
5	ERIC	The Relationship between Climate Change Anxiety and Pro-Environmental Behavior in Adolescents: The Mediating Role of Future Self-Continuity and the Moderating Role of Green Self-Efficacy. (China/Pesquisa Quantitativa/ Ensino Fundamental e Médio)	Qin <i>et al.</i> , 2024

Fonte: produzido pelas autoras

Os instrumentos para a coleta de dados destas pesquisas incluíram questionários (impresso ou on-line), entrevistas e observações empíricas. Destaca-se o estudo desenvolvido por Sahin e Kocak (2024), que utilizou um jogo digital como ferramenta pedagógica, para comunicar e informar os alunos sobre mudanças climáticas. E o estudo de Kennedy *et al.* (2024), que promoveu workshops em ambiente escolar, uma descrição sintetizada dos objetivos e resultados de cada pesquisa está descrito na Tabela 3:

Tab. 3: Síntese da caracterização dos artigos analisados

ARTIGO	OBJETIVOS	RESULTADOS	AUTORES
1	O objetivo principal deste estudo foi explorar e comparar o nível de conscientização sobre as mudanças climáticas entre estudantes do ensino fundamental de dois países asiáticos, Coreia e Indonésia	Estudantes indonésios demonstraram maior envolvimento em ações relacionadas às mudanças climáticas, maior preocupação, respeito e adesão às políticas ambientais, além de maior senso de responsabilidade. Os estudantes coreanos apresentaram maior compreensão dos aspectos causais e efeitos das mudanças climáticas.	Kim <i>et al.</i> , 2024.
2	Investigar as percepções e experiências de crianças e jovens	86% dos participantes relataram sentimentos desagradáveis, entre elas a solastalgia (sentimento de perda pela terra), ansiedade e preocupação com o futuro, além de sentimento de responsabilidade crescente. Os medos e as percepções variam conforme o ambiente: crianças de Sydney temem altas temperaturas, superlotação e perda de recursos; as do Valley temem destruição da paisagem natural e qualidade do ar; as de Northern Rivers experienciam ansiedade relacionada às enchurradas e deslocamento.	Kennedy <i>et al.</i> , 2024.
3	Avaliar as perspectivas de estudantes do ensino médio sobre o conceito de mudança climática, considerando múltiplas dimensões como nível de conhecimento, percepção, ansiedade, intenções de comportamento e fontes de informação. Investigar como as preferências de campo de estudo (ciências exatas, ciências sociais, habilidades especiais, etc.) influenciam essas perspectivas.	Estudantes de áreas científicas apresentaram maior nível de conhecimento e percepção sobre mudança climática; da área habilidades especiais e ciências sociais demonstraram visão mais moderada. As fontes de informação foram mídias, documentários, filmes e publicações científicas. A percepção do impacto da mudança climática era maior que o conhecimento teórico, principalmente entre nas áreas: ciências e matemáticas. Houve diferenças significativas nas perspectivas relacionadas ao grau de ansiedade em relação à mudança climática, dependendo do campo de estudo.	Bulut, 2024.

ARTIGO	OBJETIVOS	RESULTADOS	AUTORES
4	Informar os alunos sobre o tema das mudanças climáticas e educá-los como indivíduos com alfabetização em mudanças climáticas, por meio de um jogo digital sobre as mudanças climáticas e seus efeitos.	Após o jogo, os alunos demonstraram ter aprendido conceitos científicos importantes. Esta aprendizagem foi significativamente superior ao grupo de controle. A abordagem lúdica também resultou na correção de concepções errôneas dos alunos a cerca do tema.	Sahin; Kocak, 2024.
5	Examinar a relação entre a ansiedade das mudanças climáticas e comportamentos pró-ambientais e o mecanismo psicológico subjacente nos adolescentes.	Houve correlação negativa entre ansiedade e comportamentos pró-ambientais em ambos os grupos. Estudantes do EM apresentaram níveis mais altos de AC e menor impacto de <i>future self-continuity</i> . A autoeficácia verde moderou a relação principalmente entre estudantes do EF.	Qin <i>et al.</i> , 2024.

Fonte: produzido pelas autoras

MANIFESTAÇÕES DA ANSIEDADE CLIMÁTICA:

Em resposta à pergunta de pesquisa, três dos estudos analisados identificaram manifestações da ansiedade climática entre os escolares, impactando diretamente nas emoções, revelando algum nível de sofrimento emocional entre os estudantes. Estas manifestações foram caracterizadas por emoções como raiva, tristeza e medo, em resposta à crise climática enfrentada. Além de preocupações em diferentes níveis com focos diversos, como o futuro e a escassez de recursos naturais (Kennedy *et al.*, 2004; Kim *et al.*, 2024; Bulut, 2024).

A Tabela 4 sintetiza o conjunto completo de sintomas identificados em cada um dos artigos revisados. Outros dois estudos (Qin *et al.*, 2024; Sahin; Kocak, 2024) não mencionam sintomas relacionados à Ansiedade Climática, concentrando-se em desfechos pedagógicos e de engajamento. No estudo de Kim *et al.* (2024) é identificada motivação para ações e esperança.

Tab. 4: Síntese dos achados sobre ansiedade climática nos artigos selecionados

Nº	AMOSTRA	ANSIEDADE CLIMÁTICA	AUTORES
1	Ensino Fundamental	Preocupação, sentimento de responsabilidade, motivação para ações e esperança	Kim <i>et al.</i> , 2024.
2	Ensino Fundamental e Médio	Sentimentos desagradáveis, senso de responsabilidade e solastalgia.	Kennedy <i>et al.</i> , 2004.
3	Ensino Médio	Preocupação com as mudanças climáticas e o futuro	Bulut, 2024.
4	Ensino Fundamental	Não descreve sintomas.	Sahin; Kocak, 2024.
5	Ensino Fundamental e Médio	Não descreve sintomas.	Qin <i>et al.</i> , 2024.

Fonte: produzido pelas autoras

ANÁLISE DA QUALIDADE METODOLÓGICA:

A análise da qualidade metodológica desta pesquisa revelou que todos os cinco estudos utilizaram amostragem por conveniência, o que implica em um alto risco de viés de seleção e limita a generalização dos resultados. Outras fragilidades identificadas incluem a falta de critérios de inclusão amostral claramente delimitados em alguns trabalhos, a agregação de faixas etárias distintas sem análise estratificada e a descrição insuficiente dos procedimentos metodológicos.

DISCUSSÕES

Embora todos os indivíduos sejam impactados pelas mudanças climáticas e suas consequências, crianças e adolescentes representam um grupo com vulnerabilidade e experiências distintas (Silva, 2024). Compreender como a ansiedade climática se manifesta na população do ensino fundamental (EF) e médio (EM) é fundamental para a comunidade escolar e para a sociedade, podendo subsidiar ações em outras áreas como saúde mental e políticas públicas (Grandisoli *et al.*, 2021).

Os achados desta revisão indicam que, entre escolares, a Ansiedade Climática se manifesta por meio de emoções desagradáveis, no entanto

esses sentimentos co-existem com sentimentos de responsabilidade e motivação para ações. Tal achado é congruente com estudos amplos sobre o tema (Hickman *et al.*, 2021; Whitmarsh *et al.*, 2022) e com pesquisas realizadas em contexto brasileiro, como o estudo conduzido por Schor *et al.* (2024), no ano de 2022, que identificou grau de comprometimento leve de Ansiedade Climática em estudantes de Fortaleza, sugerindo que a educação sobre mudanças climáticas nas escolas e o treinamento voltado para a população jovem pode ser uma ferramenta de manejo. Adicionalmente, o estudo de Kennedy *et al.* (2024) identificou a “solastalgia”, que é caracterizado como um sentimento de perda e/ou dor pela terra que reconhecem como lar (Albrechet *et al.*, 2007), reforçando a profundidade do impacto emocional. E o estudo realizado por Silva (2024) que identifica sintomas de TEPT e elevados níveis de estresse em crianças de 6 a 12 anos.

É fundamental interpretar a ansiedade climática não como uma patologia, mas como uma resposta racional e adaptativa a uma ameaça real e global à sociedade (Grandisoli *et al.*, 2021; Cowley-Cunningham; Carey; Rogers, 2023). O sentimento de impotência, frequentemente associados a essa reação, pode afetar o bem-estar psicológico e o desenvolvimento emocional dos jovens, que está em curso neste espaço-tempo. Portanto, as abordagens interventivas devem focar no suporte emocional, na validação dos sentimentos e no incentivo à participação ativa dos estudantes, em vez de se limitarem à mera apresentação de dados estatísticos alarmantes e reforçarem a motivação de ações pró-ambientais (Whitmarsh *et al.*, 2022). Assim como fortalecer a participação e o protagonismo da juventude (Grandisoli *et al.*, 2021).

Vale ressaltar a importância de oferecer suporte emocional aos jovens que experimentam esse desconforto e desenvolver ações preventivas, onde reforça-se a atenção aos sentimentos experimentados ainda que não saibam descrever com precisão o que se sente. Incentivar a participação e demonstrar respeito pela opinião expressada sobre o tema da ansiedade climática, também são alternativas viáveis (Grandisoli *et al.*, 2021; Cowley-Cunningham; Carey; Rogers, 2023). Nesse contexto, o núcleo escolar e

familiar desempenham um papel essencial ao criarem espaços seguros para diálogo, acolhimento e escuta ativa, promovendo o fortalecimento emocional dos estudantes diante das incertezas climáticas. Na pesquisa realizada por Silva (2024) 74% dos cuidadores das crianças participantes da pesquisa ressaltaram a importância da comunidade e da escola na mitigação do sofrimento decorrente da ocorrência dos eventos climáticos extremos.

Sobre os estudos analisados, apesar da diversidade de objetivos, a escola emergiu como um ponto de convergência. Como um espaço onde os jovens passam um tempo significativo de suas vidas, constroem interações e desenvolvem senso crítico e de pertencimento com o mundo. O ambiente escolar é fundamental para a mitigação da AC. Ações pedagógicas, a exemplo das baseadas em jogos digitais (Sahin; Kocak, 2024) ou workshops (Kennedy *et al.*, 2024), podem promover respostas pró-ambientais e instrumentalizar os jovens para lidar com o cenário climático futuro. A educação precisa ser uma ponte eficaz nesse processo, não apenas transmitindo informações, mas empoderando os jovens para compreender e acolher as emoções em relação às mudanças climáticas e participar ativamente da construção de um futuro sustentável (Silva, 2024).

A literatura aponta, alternativas que priorizam respeitar os aspectos culturais de cada grupo e a faixa etária para elaboração de planejamento de intervenções. Uma dessas alternativas são intervenções baseadas na Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) para o manejo do sofrimento climático, focando em regulação emocional, técnicas para prática de atenção plena e ações baseadas em valores (Doherty *et al.*, 2024). A terapia cognitivo-comportamental é uma abordagem de psicoterapia que auxilia na compreensão e mudança de padrões de pensamentos e/ou comportamentos disfuncionais. Essa abordagem desenvolve estratégias para que o sujeito disponha de ferramentas terapêuticas para lidar com essa disfunções e melhorar a qualidade de vida (Beck, 2022).

A TCC tem como pilar o conceito de que não são os acontecimentos em si que afetam as pessoas, mas sim a forma como nós interpretamos os

eventos. Nesse sentido, nossos pensamentos (interpretação dos eventos) sobre uma situação específica determinam como nos sentimos (emoções) e influenciam como agimos (comportamentos) (Silva; Melo, 2015).

Retomando a discussão sobre a Ansiedade climática, a interpretação dos resultados, dos estudos analisados, deve considerar a heterogeneidade dos estudos incluídos, que variaram em delineamento (qualitativo e quantitativo), faixa etária e, contextos geográficos e socioculturais. As experiências de escolares na Austrália, marcada por incêndios florestais, diferem das vivências na Indonésia, afetada por inundações, ou na Turquia, que sofre com fortes ondas de calor. Essa variação contextual influencia diretamente a forma como a ansiedade climática é percebida e experimentada, ressaltando a complexidade das experiências estudadas e a importância do contexto.

É importante destacar que a diversidade de contextos climáticos enfrentados por estudantes ao redor do mundo interfere significativamente na maneira como esse fenômeno, vem afetando diretamente a percepção de risco, modulando a intensidade das reações emocionais, alterando o modo de lidar emocionalmente com os eventos ambientais e influenciando o tipo de preocupação sentida por cada indivíduo (Grandisoli *et al.*, 2021; Whitmarsh *et al.*, 2022).

Com base nos achados desta revisão, sugere-se que estudantes do ensino fundamental e médio possuem consciência sobre as mudanças climáticas e manifestam a ansiedade climática predominantemente por meio de respostas emocionais (Kennedy *et al.*, 2004; Kim *et al.*, 2024; Bulut, 2024). A educação, nesse sentido é uma importante aliada.

A educação, por meio da escola, tem a potencialidade de conectar o saber (ou saberes) ao sentir, interligando o entendimento racional das mudanças climáticas à vivência emocional que elas provocam nos estudantes (Martins; Gitotto; Lopes, 2021; Silva, 2024). Porém, essa ponte precisa ser sólida, ter acesso a recursos e à capacitação do corpo docente sobre educação climática. E deve ser sustentada por bases como empatia, ciência e ação, não apenas transmitindo informações, mas capacitando

os jovens para acolher suas emoções (Beck, 2022; Silva; Melo, 2015) e estimular a participação ativamente na construção de um futuro sustentável para si e para a sociedade (Schor *et al.*, 2024; Grandisoli *et al.*, 2021).

Esse trabalho pode ser pensado por meio da psicoeducação (Beck, 2022), palestras, jogos, cartilhas, workshops, rodas de conversa (Schor *et al.*, 2024; Clayton; Karazsia, 2020). Espaços em mídias como rádio, TV e redes sociais podem ser utilizados para que educadores e pesquisadores compartilhem saberes. A biblioteca escolar também pode ser um espaço, para fornecer conhecimento sobre a pauta ambiental (Martins; Gitotto; Lopes, 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário atual de crise ambiental e de crescente preocupação com o futuro do planeta, é evidenciado que o impacto das mudanças climáticas ultrapassa os limites ecológicos estendendo-se ao campo da saúde mental e da educação. A ansiedade climática emerge como um feedback emocional cada vez mais presente na vida dos estudantes que vivenciam o conflito entre a conscientização ambiental e a insegurança quando ao futuro.

A ansiedade climática é um desafio real e de todos nós, mas também uma oportunidade para construir um futuro mais consciente e sustentável para a sociedade como um todo (Hickman *et al.*, 2021; Grandisoli *et al.*, 2021). A presente revisão consolida a compreensão da ansiedade climática como um fenômeno complexo e presente na vida de escolares, manifestando-se em um espectro de emoções que abrange desde sentimentos de preocupação e solastalgia até um forte senso de responsabilidade e motivação para a ação pró-ambiental (Albrecht *et al.*, 2007; Clayton; Karazsia, 2020; Whitmarsh *et al.*, 2022).

Fica evidente que tal ansiedade não deve ser patologizada, mas interpretada como já mencionado, uma resposta racional, adaptativa e necessária a uma ameaça existencial concreta que está em curso

(Cowley-Cunningham; Carey; Rogers, 2023; Silva, 2024). Nesse contexto, a instituição escolar emerge como um *locus* estratégico, sendo tanto um espaço onde tais sentimentos são compartilhados quanto o ambiente fundamental para o desenvolvimento de estratégias de manejo e educação climática, conforme apontado na literatura nacional e internacional (Couto; Neumann, 2025).

Reconhece-se, contudo, que a heterogeneidade metodológica e as particularidades geoculturais das amostras, como a exposição direta a desastres climáticos específicos, influenciam a manifestação da ansiedade climática, demandando abordagens de pesquisa contextualmente sensíveis. Há limitações inerentes a esta revisão e sublinhamos a necessidade de investigações futuras mais robustas e sistemáticas. Torna-se imperativo, portanto, que novos estudos explorem as nuances deste fenômeno em diferentes realidades brasileiras, incluindo todo o ecossistema escolar (alunos, familiares, educadores e gestores).

Por isso, torna-se essencial tratar a crise climática não só como um desafio ambiental, mas também como uma questão de saúde pública e bem-estar emocional, exigindo o envolvimento da sociedade como um todo. E aprofundar esse conhecimento é necessário para subsidiar o desenvolvimento de intervenções interseccionais nas áreas da saúde mental e da educação que sejam, de fato, eficazes e protetivas para as gerações em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS:

ALBRECHT, G. *et al.* Solastalgia: The Distress Caused by Environmental Change. **Australasian Psychiatry**, v. 15, n. 1, p. 95-98, 2007. DOI: 10.1080/10398560701701288 BECK, J. **Terapia cognitiva: teoria e prática**. Porto Alegre: Artmed, 3ª ed. 2022.

BULUT, N. D., Evaluating High School Students': Perspectives on Climate Change Based on Their Field Preferences. **Ormançılık Araştırma Dergisi**, v. 11, n. 2, p. 171-189, 2024. <https://doi.org/10.17568/ogmoad.1536850>.

CLAYTON, S.; KARAZSIA, B. T. Development and validation of a measure of climate change anxiety. **Journal of Environmental Psychology**, v. 69, n. 1, June, 101434, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2020.101434>

COFFEY, Y. *et al.* Understanding Eco-anxiety: A Systematic Scoping Review of Current Literature and Identified Knowledge Gaps. **The Journal of Climate Change and Health**, v. 3, n.1, p. 100047, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.joclim.2021.100047>

COUTO, I. R. M. B.; NEUMANN, M. M (Org.). Adolescentes, Rizzini; jovens e mudanças climáticas no Brasil. 1a. ed. Rio de Janeiro: **CIESPI**, 2025. 73p. Disponível em: Home | Ciespi

COWLEY-CUNNINGHAM, M., CAREY, A.; ROGERS, E. The Climate Crisis, Climate Anxiety and Children's Rights: A Psychological Perspective on Human Health and Security. **Irish Studies in International Affairs**, v. 34, n. 1, pp. 111-123, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1353/isia.2023.a918358>.

DOHERTY, T. *et al.* Environmental Identity-Based Therapies for Climate Distress: Applying Cognitive Behavioural Approaches. *Cognitive Behaviour Therapist*, v. 17, 2024, <https://doi.org/10.1017/S1754470X24000278>.

GRANDISOLI, E. *et al.* (org.). **Novos temas em emergência climática**: para os ensinos fundamental e médio. [recurso eletrônico]. São Paulo: IEE-USP, 2021. 112p. DOI: 10.11606/978-65-88109-08-3.

HICKMAN C.; MARKS, E.; PIHKALA, P.; CLAYTON, S.; LEWANDOWISK, R. E.;

MAYALL, E. E.; WRAY, B.; MELLOR, C.; SUSTEREN L. Climate anxiety in children and young people and their beliefs about government responses to climate change: a global survey. **Lancet Planet Health**, v. 5, n. 12, p. e863-e873, 2021. doi: 10.1016/S2542-5196(21)00278-3. PMID: 34895496.

KIM, S.; LIM, S.; LEE, K.; WIDODO, A.; YUN, S. Climate Change Awareness Differences among Primary School Students in Korea and Indonesia. **Journal of Baltic Science Education**, v. 23, n. 3, p. 476-94, 2024. DOI: 10.1088/1742-6596/1254/1/012051.

KENNEDY, Ü.; BACALLER, S.; MOODY, L.; HANNAH, S.; DAHANAYAKE, Y.; THIRD, A. "The Earth Is Dying, Bro.": Examining the Local Effect of Climate Change on

Australian Children. **M/C Journal**, v. 27, n. 5, p. 2024. <https://doi.org/10.5204/mcj.3085>.

MARTINS, A. M.; GIROTTO, C; LOPES, L. C. Ansiedade climática, caos informacional e jovens estudantes: uma reflexão crítica acerca do papel das bibliotecas escolares. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL EM TECNOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO, 7., 2021. **Anais** [...]. [S. l.: s. n.], 2021.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, v. 372, n. 71, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>.

QIN, Z.; WU, Q.; BI, C.; DENG, Y.; HU, Q. The Relationship between Climate Change Anxiety and Pro-Environmental Behavior in Adolescents: The Mediating Role of Future Self-Continuity and the Moderating Role of Green Self-Efficacy. **BMC Psychology**, v. 12, n. 1, p. 241, 2024. <https://doi.org/10.1186/s40359-024-01746-1>.

SAHIN, I.; KOCAK, O. The Reflections of the ‘Stop Climate Change Digital Game’ on Primary School Students’ Learning about Climate Change.” **Journal of Education in Science, Environment and Health**, v. 10, n. 1, p. 18-31, 2024.

SCHOR, M.; CLAYTON, S.; CARDOSO, M. C. V.; FERNANDES, M. N.; FROTA, M. A.; Pamela J. SURKAN, P. I am really scared for the future: climate distress among Brazilian youth, **Environmental Education Research**, v. 3, p. 1-22, 2024. DOI: 10.1080/13504622.2024.2409946

SILVA, N. A.; MELO, H. C. S. A intervenção da terapia cognitivo comportamental no adoecimento decorrente da insônia. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 1, n. 1, 2015.

SILVA, E. J. C. da. Mudanças climáticas e transtornos de estresse em populações pediátricas vulneráveis: desafios e estratégias de intervenção. **IOSR Journal of Business and Management**, v. 26, n. 12, p. 1-10, 2024. DOI: 10.9790/487x-2612040110.

SARRASIN, O., HENRY, J. L.; A. MASSEREY, C., GRAFF, F. The Relationships between Adolescents’ Climate Anxiety, Efficacy Beliefs, Group Dynamics, and Pro-Environmental Behavioral Intentions after a Group-Based Environmen-

tal. **Education Intervention**, v. 2, p. 422-440, 2022. <https://doi.org/10.3390/youth2030031>

TAYLOR, S. Anxiety disorders, climate change, and the challenges ahead: Introduction to the special issue. **Journal of Anxiety Disorders**, v.76, p. 102313, 2020. <http://dx.doi.org/10.1016/j.janxdis.2020.102313>

VALADÃO, A. C. B.; GUANÃBENS, P. F. S. Impacto das mudanças climáticas na saúde mental: uma revisão da literatura sobre ecoansiedade e educação ambiental. **REVISTA DELOS**, v. 18, n. 65, p. e4460, 2025. <https://doi.org/10.55905/rdelosv18.n65-105>.

WHITMARSH, L. et al. Climate anxiety: what predicts it and how is it related to climate action? **Journal of Environmental Psychology**, v. 84, p. 101866, 2022. DOI: 10.1016/j.jenvp.2022.101866.